

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UM ESTUDO DE CASO DOS PROJETOS DE EXTENSÃO DESENVOLVIDOS PELA FUNDAÇÃO EDUCACIONAL JAYME DE ALTAVILLA - FEJAL ENTRE 2018-2019

Alessandra Santos da Silva Honorato¹, Carla Priscilla Barbosa Santos Cordeiro²

1. Estudante do 6º Período do Curso de Direito da Faculdade Cesmac do Agreste.
2. Mestre em Direito Público e Doutoranda em Educação. Professora da Faculdade Cesmac do Agreste/Orientadora.

Resumo

O presente artigo se propõe a examinar a importância da extensão universitária na difusão do conhecimento, a partir da análise da função social da universidade e do tripé universitário: ensino, pesquisa e extensão. Pretende-se destacar a importância da extensão com base na própria função social da universidade, que ultrapassa a mera transmissão do conhecimento. A extensão universitária surge, neste sentido, como uma forma de aliar teoria, prática e transformação da realidade social, e se mostra um instrumento muito importante na busca da cidadania. Além disto, este artigo tomou como lâmina de pesquisa as práticas de extensão realizadas no Centro Universitário Cesmac, instituição de ensino superior do estado de Alagoas, com a finalidade de demonstrar como a extensão tem sido aplicada na prática.

Palavras-chave: Extensão Universitária; Função Social da Universidade; Tripé Universitário.

Apoio financeiro: Fundação Educacional Jayme de Altavilla - FEJAL.

Introdução

A universidade possui um papel central no desenvolvimento da sociedade. Assentada sobre o objetivo precípua de alcançar o bem comum, nela os indivíduos passam a dominar técnicas e conhecimentos necessários à manutenção social, a desenvolver novos conhecimentos e teorias úteis ao desenvolvimento da humanidade.

A função da universidade, na contemporaneidade, abrange a construção de uma sociedade reflexiva e crítica, capaz de estimular os indivíduos a compreenderem a realidade em que vivem, a buscar a mudança social por meio da interferência nas decisões políticas. Ela desenvolve sua função fixada na indispensável tríade do ensino, pesquisa e extensão

Já não se separa o saber acadêmico do saber popular, pois o conhecimento universitário é transdisciplinar, que busca integrar teoria e prática com o objetivo de alcançar o desenvolvimento social. Neste viés, a extensão ganha um papel de destaque, pois a universidade passa por um processo de democratização do conhecimento que possibilita que ensino e pesquisa se integrem em atividades práticas, onde o saber é compartilhado entre universidade e comunidade, e *vice versa*.

A Fundação Educacional Jayme de Altavilla – FEJAL é uma entidade sem fins lucrativos que teve início em 1971. Atualmente oferta 27 cursos distribuídos em 3 faculdades onde ela é a mantenedora. (Cesmac, 2019)

Deste modo, a IES mencionada se tornou terreno propício para um estudo sobre a qualidade da extensão universitária ao longo dos últimos dois anos. Os diversos projetos realizados e as ações desenvolvidas dentro do ambiente universitário levantaram relevantes questões sobre o que realmente é a extensão e como ela tem concretizado os ideais sobre os quais está assentada. Por isto, desenvolveu-se esta pesquisa, para averiguar como os projetos de extensão têm se desenvolvido ao longo dos anos, tendo o Cesmac como modelo.

Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho partiu do método hipotético dedutivo. Foram fixadas hipóteses gerais, em um primeiro momento, para em seguida serem provadas ou não por meio da pesquisa bibliográfica e documental. Analisaram-se diversos autores, a fim de chegar ao conceito de extensão, ao seu ideal basilar, o que só foi conseguido quando se buscou, previamente, a noção sobre a própria função da universidade. Além disto, foram analisados os dados fornecidos pelo próprio CESMAC em sua página na *internet* sobre as práticas de extensão universitária no período 2018-2019, para compreender como as práticas de extensão foram realizadas nos últimos anos. Ao final, foi realizada uma análise qualitativa da extensão desenvolvida no CESMAC para, desta forma, verificar quais seriam os possíveis desafios à implementação de uma extensão crítica e transformadora da realidade.

Resultados e Discussão

A universidade é um espaço privilegiado, historicamente ligado ao processo de difusão do conhecimento e manutenção dos saberes conquistados ao longo da evolução humana. A ideia sobre o que é a universidade, entretanto, abrange uma série de ações e elementos que ultrapassam – e muito – o ato de ensinar, difundir conhecimento. A universidade é, antes de tudo, um espaço voltado à reflexão crítica sobre a realidade do mundo, lugar em que são criados conhecimentos com base científica (LUCKESI *et al*, 2012, p. 43).

A compreensão da ideia do que seja a universidade passa, necessariamente, pelo contexto histórico em que se desenvolveu ao longo dos anos (PINTO, 1986, p. 17). Como o objetivo deste trabalho não é realizar uma análise histórica do que seja a universidade, e sim analisar a extensão universitária aplicada na Universidade

Federal de Alagoas, e, partindo desta, far-se-á um resumo descritivo e geral de alguns dos aspectos relevantes do desenvolvimento das universidades no contexto brasileiro.

Como bem destaca Minogue, por muito tempo a universidade era encarada em termos funcionais, ou seja, “como fornecedora de funcionários públicos, administradores e tecnólogos” (1981, p. 13). Trata-se de um modelo de universidade que paulatinamente passa a ser superado, para dar origem a um novo padrão de ação social, capaz de estimular a criticidade que leva à mudança de realidade.

Ainda hoje se percebe um forte apego à função profissionalizante da universidade. Em verdade, ela não pode se encontrar “fechada em si mesma”, mas deve causar algum impacto nos indivíduos, deve colocar o conhecimento “a serviço da sociedade, promovendo, dessa forma, um questionamento basilar para a transformação do *status quo* e o surgimento de ‘uma sociedade melhor, isto é, mais livre e responsável, mais justa e participativa’” (VOLPI, 1996, p. 16-17).

Além de crítica, a universidade deve ser participativa, deve produzir conhecimentos que alterem substancialmente o meio social, político, cultural e econômico. Ela deve, em resumo, levar em consideração a “destinação social” do conhecimento, deve se preocupar com o “para quê” e “para quem” ele se destina (VOLPI, 1996, p. 17).

A educação, em si mesma considerada, possui como uma de suas funções o desenvolvimento da sociedade, através da diminuição das desigualdades entre as pessoas. E é por isso que a universidade, palco de inúmeros processos educativos, possui sua finalidade vinculada diretamente a transformação da realidade, por meio do estímulo à criação cultural e ao desenvolvimento científico, e ao pensamento reflexivo (Lei nº 9.364/1996 – LDB, art. 43, inciso I).

O tripé universitário e a extensão

Para atingir sua função social, a universidade se assenta na indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão (art. 207 da Constituição Federal). Ela deve promover a pesquisa e a investigação científica, além da difusão dos conhecimentos culturais, científicos e técnicos. Deve, ainda, estimular a comunidade acadêmica a conhecer os problemas sociais para, assim, cumprir com o objetivo precípuo do Estado brasileiro, que é a diminuição das desigualdades nacionais e regionais, e deve promover a extensão universitária no seio social, possibilitando à população o acesso às conquistas e benefícios advindos da ação universitária de pesquisa e ensino (LDB, art. 43, incisos I a VII).

A ação universitária está assentada na indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, princípio orientador de toda e qualquer ação realizada dentro da universidade. Este espaço deve ser um meio de diálogo permanente dentro da sociedade, um lugar comum em que as demandas sociais se encontram e são ouvidas, estudadas, onde se buscam alternativas práticas para melhorar a vida em coletividade. Em resumo, este é o ambiente propício para a interatividade e integração dos vários saberes com a ciência (MOITA; ANDRADE, 2009, 272).

A extensão é um “processo de ensinar e aprender”, nas palavras de Castro. Por meio dela indivíduos aprendem a refletir e, assim, caminhar com as próprias pernas, o que se consegue graças a vivência da realidade em que se inserem e da intervenção crítica que passam a realizar no seio social (2004, p. 14).

A educação por meio da extensão universitária deve ser uma forma de comunicação, de diálogo, onde o saber é transferido por meio de um encontro de sujeitos cognoscentes. Não pode se resumir à mera transmissão de conhecimento de um indivíduo a outro, mas deve ser compreendida através do ato de co-participação de ambos no processo de construção de um significado em um dado contexto social (FREIRE, 1980, p. 67-70).

O conceito de extensão foi reconhecido oficialmente no final da década de 1980, no desenrolar do processo de redemocratização, durante o Fórum de Pró-Reitores de Extensão (NOGUEIRA, 2013, p. 36). Nele, entendeu-se que:

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade. A Extensão é uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequência: a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional; a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora desse processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social (UFMG, 2015, p. 82).

A extensão é um processo dialógico de troca de saberes, onde a universidade, para além da transmissão e absorção da cultura social, realiza algum tipo de ação prática cujo objetivo seja o benefício da sociedade. Ela não se resume à atividade de ensino, pois é a oportunidade que a universidade possui de aliar o ensino e a pesquisa em atividades práticas que alterem de alguma forma a realidade social. Ela propicia, nos indivíduos, um processo reflexivo capaz de fazer com que possam se posicionar como atores sociais, influenciando a tomada de decisão dos poderes públicos. Neste sentido, Freire critica duramente os processos de extensão que se limitam à propaganda de uma determinada forma de ação social, que seria o mesmo que realizar a persuasão

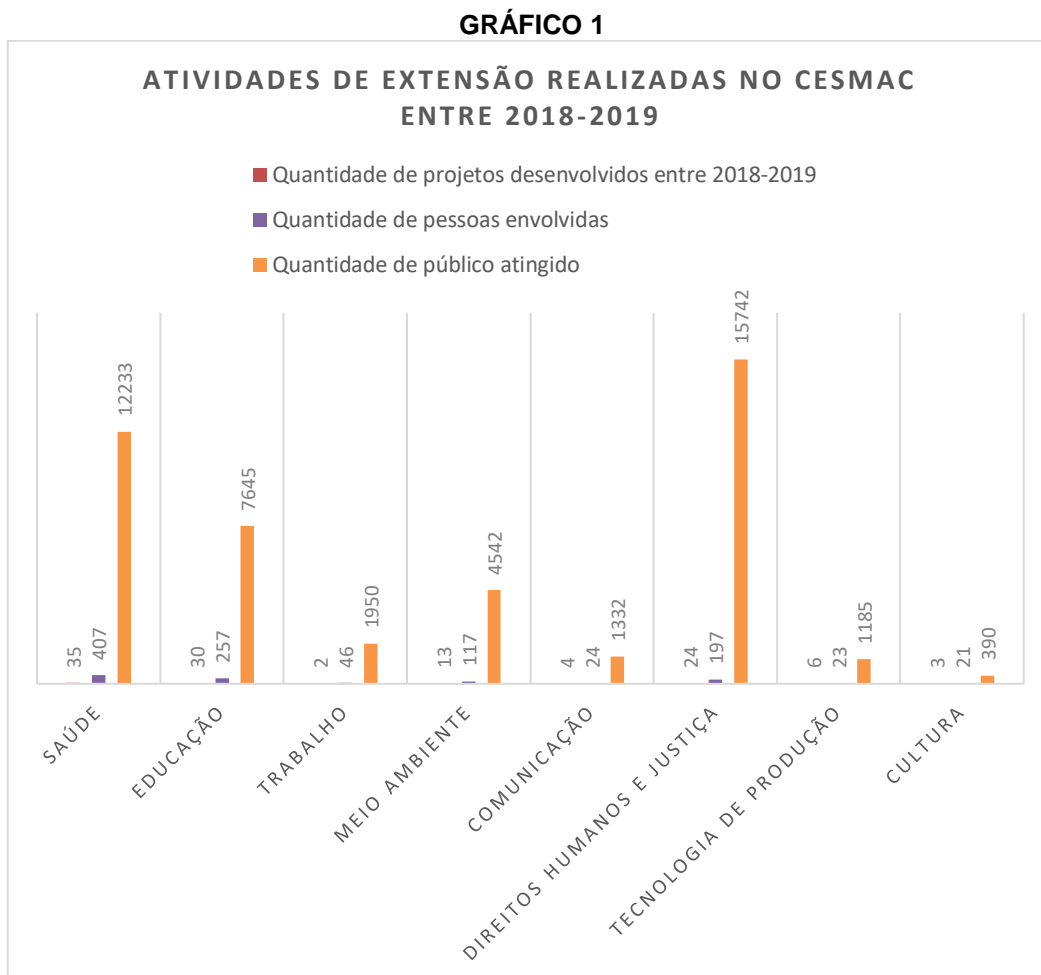
através da “comunicação em massa” (1980, p. 72).

Como bem destacam Moita e Andrade, ensino, pesquisa e extensão estão interligados, e juntos são o suporte necessário para a construção de um conhecimento “pluriversitário” (2009, 272). Por meio da extensão, práticas sociais são integradas aos saberes científicos, o que ocorre por meio de mecanismos que aproximam os sujeitos, que favorecem o diálogo. A extensão é uma ação multidisciplinar, que une as várias searas das ciências ao saber popular. Além dela propiciar o contato entre os indivíduos, ou seja, a troca de saberes entre eles, ela amadurece a consciência cidadã e estimula à mudança social no sentido de formar pessoas mais críticas e melhor situadas dentro de um dado contexto macroestrutural, com uma postura ativa frente os problemas da coletividade. Por isto, ela transforma os sujeitos em indivíduos conscientes, e, em consequência, transforma para melhor a própria sociedade (CASTRO, 2004, p. 14).

E realiza tudo isto sem perder de vista a autonomia e interdependência dos autores e coautores do processo, que constroem juntos conhecimentos que “nascem a partir do entrelaçamento de visões de mundo semelhantes ou diferentes” (SANTOS JÚNIOR, 2015, p. 299-300).

As atividades de extensão no Cesmac

A partir da análise dos projetos de extensão desenvolvidos no Cesmac entre 2018-2019 foi possível traçar um perfil da extensão universitária na IES analisada, permitindo uma visão ampla sobre as principais temáticas dos projetos e a quantidade de pessoas que foram atingidas com as ações. Neste sentido, confira-se o gráfico abaixo:



Fonte: CESMAC, 2019, dados trabalhados pelas autoras.

Conclusões

É preciso entender que as ações da IES analisada permitiram, de maneira geral, que estudantes, professores e alunos pudessem produzir juntos novos conhecimentos. No entanto, ainda existem desafios que precisam ser vencidos na implementação da extensão, cujo caráter deve ser crítico, dialógico e transformador da realidade.

O primeiro deles reside na superação do conceito de extensão como uma atividade de mera prestação de serviços, de ensino e/ou pesquisa. A extensão, em seu real significado, em que o saber é construído e não meramente repassado, está ligada a ideia de conscientização, de mobilização entre a universidade e a sociedade (FREIRE, 1983, p. 12). Ela interliga os outros dois elementos do tripé universitário através de uma ação

transformadora que acrescenta novos saberes aos conhecimentos apreendidos em sala de aula.

Uma outra questão que precisa ser apontada é a forma como a extensão é relegada a segundo plano na pós-graduação. Ensino e pesquisa não podem ser dissociados das práticas extensionistas, e é essencial que os pós-graduandos desenvolvam atividades de extensão para enriquecer não só suas pesquisas, mas a própria didática do ensino superior nas atividades acadêmicas.

Outro desafio reside no tipo de educação propiciada por meio dela. É muito comum que uma atividade que objetiva à capacitação dos indivíduos para lidarem com a realidade, mas que acaba por se resumir à reprodução de conhecimentos sem, contudo, adentrar na esfera da criticidade. Só que “educar é uma ação intrinsecamente sócio-política, eventualmente revolucionária” (FASSARELLA, 2012). É preciso levar os estudantes às comunidades, para que universidade e sociedade possam construir juntas respostas concretas aos problemas sociais, a partir da crítica às deficiências estruturais da sociedade. É preciso sair do espaço universitário, mas não para levar um conhecimento pronto e acabado a uma comunidade. É preciso que a própria formulação do conhecimento seja democratizada, para que a função social da universidade seja cumprida em sua integralidade.

A extensão deve, antes de tudo, capacitar os indivíduos para “perceber as estruturas sociais, compreender suas racionalidades e agir para modificá-las em direção à liberdade” (Fassarela 2012). Qualquer atividade que pretenda conscientizar às pessoas deve assumir o compromisso histórico de revelar a realidade e instigar os indivíduos a buscar sua transformação por meio da *práxis*. Trata-se de uma árdua missão que consiste em fazer com que os indivíduos possam enxergar bem mais do que a superfície dos problemas, entendendo-lhes as raízes e atenuantes, para que possam se comprometer com a sociedade em busca da solução dos problemas (FREIRE, 1983, p. 25). E esse compromisso passa pela reivindicação de novas condições de vida, passa pela necessidade de levar tais descobertas adiante, estabelecendo um ciclo de conscientização social solidária.

A universidade possui a importante missão, dentro do contexto social, de colaborar na construção de uma sociedade reflexiva e crítica, capaz de estimular os indivíduos a compreenderem a realidade em que vivem, a buscar a mudança social por meio da interferência nas decisões políticas, função fincada na indispensável tríade do ensino, pesquisa e extensão. Já não prevalece o modelo de universidade profissionalizante, cujos interesses e metas estão ligados diretamente aos interesses mercadológicos. Hoje, a universidade assumiu definitivamente a função crítica de produzir conhecimentos que alterem substancialmente o meio social, político, cultural e econômico, levando em consideração o meio ao qual está inserida, os indivíduos para os quais se destinam os conhecimentos.

A partir da análise da implementação da extensão universitária no Cesmac, verificou-se que tem ocorrido um processo de popularização entre discentes e docentes, e, aos poucos, ela tem sido incorporada ao cotidiano dos cursos como uma atividade capaz de proporcionar experiências enriquecedoras na esfera prática, a partir da troca de conhecimentos que proporciona entre a comunidade e a universidade.

À guisa de conclusão, percebeu-se que a extensão surge como um instrumento propiciador da discussão e da crítica dos problemas históricos que afetam à coletividade. No entanto, é preciso superar a ideia de que praticar extensão universitária se resume a realizar alguma prática de ensino ou a levar algum serviço à comunidade. A extensão deve ser crítica e libertadora, deve propiciar a construção de saberes compartilhados entre universidade e comunidade.

Referências bibliográficas

BUARQUE, Cristovam. **A aventura da universidade**. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

CASTRO, Luciana Maria Cerqueira. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores. **Reunião Anual da Anped**. Anais da 27ª reunião. Disponível em: <<http://27reuniao.anped.org.br/gt11/t1111.pdf>>. Acesso em: 12/05/2015.

CESMAC. **Observatório de extensão**. Disponível em: <https://sistemas.cesmac.edu.br/observatorio/sistema/externo/extensao_pesquisar.xhtml>. Acesso em: 07/02/2019.

CESMAC. História da Fejal. Disponível em: <<https://cesmac.edu.br/cesmac/historia>>. Acesso em: 25/02/2019.

FASSARELLA, Lúcio. **Excertos de um texto de Doris Lessing**. Disponível em: <http://luciofassa.dominiotemporario.com/ensino/enscriptum/lucio2012_educacao-1.pdf>. Acesso em: 11/12/2014.

FÁVERO, Maria de Lourdes de A. A universidade em questão: como resgatar suas relações fundamentais. *In*

FÁVERO, Maria de Lourdes *et al* (Orgs.). **A universidade em questão**. São Paulo: Cortez, 1989.

FEITOSA, Sonia Couto. **Método Paulo Freire: Princípios e práticas de uma concepção popular de educação**. Dissertação. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1999.

- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Centauro, 2001.
- _____. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- _____. **A Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- GIANNOTTI, José Arthur. **Universidade em ritmo de barbárie**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- GRACIANE, Maria Stela Santos. **O ensino superior no Brasil: A estrutura de Poder na Universidade em Questão**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- LUCKESI, Cipriano *et al.* **Fazer universidade: uma proposta metodológica**. São Paulo: Cortez, 2012.
- MENEZES NETO, Paulo Elpídio de. **Universidade: ação e reflexão**. Fortaleza: UFCE, 1983.
- MINOGUE, Kenneth. **O conceito de Universidade**. Trad. Jorge Eira Garcia Vieira. Brasília: UNB, 1981.
- MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando César Bezerra de. 2009. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. *In Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, RJ. v. 14, n. 41, p. 269-393, maio/ago. 2009.
- NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. O Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras: um ator social em construção. *In Interfaces Revista de Extensão da UFMG*. Belo Horizonte, MG. v. 1, n. 1, p. 35-47, jul./nov. 2013.
- PINTO, Álvaro Vieira. **A questão da Universidade**. São Paulo: Cortez, 1986.
- RIBEIRO, Darcy. **A Universidade Necessária**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SANTOS, Boaventura Sousa. **A universidade no século XXI**. São Paulo: Cortez, 2004.
- SANTOS JÚNIOR, Alcides Leão. **Universidade e sociedade: uma relação possível pelas vias de extensão universitária**. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/13/pdf/dt01.pdf>>. Acesso em 16/04/2015.
- VIEIRA, Sofia Lerche. A democratização da universidade e a sociedade do conhecimento. *In FÁVERO, Maria de Lourdes et al (Orgs.). A universidade em questão*. São Paulo: Cortez, 1989.
- UFMG. **O Plano Nacional de Extensão Universitária**. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/documentos/Colecao-Extensao-Universitaria/01-Plano-Nacional-Extensao/Plano-nacional-de-extensao-universitaria.pdf>>. Acesso em 23/04/2015.
- VOLPI, Marina Tazón. **A universidade e sua responsabilidade social**. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.
- WACHOWICZ, Lilian Anna. As tensões dialéticas na educação. *In WACHOWICZ, Lilian Anna (Org.). A interdisciplinariedade na universidade*. Curitiba: Champagnat, 1998.